

JUSTIFICATIVA DO TÍTULO EU DE AUGUSTO DOS ANJOS

Marinalva Freire da Silva
Universidade Federal da Paraíba

Augusto dos Anjos escreveu apenas um livro, através do qual se imortalizou. Sua publicação ocorreu em 1912, sendo, porém, relegado pelo público e pela crítica porque, se ainda hoje o poeta é demais para a nossa época, cujos críticos literários não puderam erguer a tesoura para cortar a sua singularíssima poética, muito menos o público e os literatos da primeira década deste século.

Augusto dos Anjos não se filiou, particularmente, à escola literária alguma. Não obstante, assimilou a filosofia da escola expressionista alemã, da qual bebeu todo o vigor potencial e existencialista, fortalecendo-se, para vomitar ao mundo o seu “eu” através da poesia. Paralelamente, ao ser publicado o seu livro, a Alemanha editava o primeiro livro expressionista, razão por que, possivelmente, não obteve a repercussão merecida, o que está sendo reparado hoje em dia, especialmente pelos críticos literários brasileiros. Por outro lado, a Paraíba, o Brasil, o mundo estava atravessando um período de mudança, de revolução, enquanto a cultura estava relegada em virtude desse clímax político-ideológico.

Mesmo assim, a sua obra representativa do espírito da época pode ser considerada parnasiana, coroada por aspectos simbolistas, abrindo horizontes para uma modernidade literária que confundiu e divergiu os críticos, provocando acirradas polêmicas. Raros foram os elogios e muitas as contestações.

Atualmente, apesar de ainda não ter sido totalmente digerido nem pelo público nem pela crítica, o poeta do “EU” é bastante lido e comentado (até mesmo nas mesas dos bares), por representar em leque de opções para estudos profundos, não apenas no âmbito da literatura, mas em outros ramos do saber, a exemplo da medicina, psicologia, sociologia, metafísica e do próprio misticismo religioso.

Ivanilda Marques, tecendo comentário crítico sobre o **Poema Negro**, argumenta que Augusto dos Anjos tornou-se “medium”, e chegou a fazer reuniões em sua própria casa, o que lhe foi proibido por dona Córdula, sua genitora, porque, segundo ela, os “espíritos maus” estavam tumultuando aquele lar eminentemente católico.

Nesse sentido, Órris Soares se expressa:

“Está aí (...) o Poema Negro entressachado de alucinações, e sem a mais leve desconexidade. Nele o poeta sonha, não é sonho, é pesadelo que o põe assombrado com a passagem velocíssima dos séculos. No meio da vertigem, ele quer saber quem é, para onde vai e, dentro da angústia, torce os braços, vendo o verme frio, que lhe há de comer a carne toda”.

Assim, o título do Livro “vale por uma autopsicologia, é um monossílabo que fala”. O EU é Augusto, sua carne, seu sangue, seu sopro de vida. “É ele integralmente, no desnudo gritante de sua sinceridade, no clamor de suas vibrações nervosas,, na apoteose de seu sentir, nos alentos e desalentos de seu espírito.” (Órris Soares).

Analisando as poesias detalhadamente, encontra-se refletida a imagem do trágico, inerente ao poeta; aquela própria e singular amargura que o caracterizou. “Foi um extraordinário, destes de boa estofa, para os quais a mentira não oferece gosto, só desgostos.” (Órris Soares).

No poema **Monólogo de uma Sombra** há trinta e uma estrofes envoltas em angústias e vinganças, provando que a amarga sombra que fala, vem “das outras eras, do Cosmopolitismo das moneras”. (Órris Soares).

Examinando-se o EU, há de se concluir que o livro contém, além de espírito crítico e sensibilidade, erudição e fulgores extraordinários. Nele, o poeta soube traçar parte de sua própria biografia, através da poesia, instrumento através do qual deixou patente a marca dos atos importantes assinalados durante a sua breve existência; por isso, quem se dispuser a fazer um estudo sobre a personalidade de Augusto dos Anjos encontrará farto material, muito útil a um ensaio ou interpretação.

A postura existencial do poeta lembra, certamente, o inferno do cientifismo naturalista — uma angústia profunda diante da fatalidade que arrasta toda a carne para a decomposição e morte. Todavia, já não é correto só falar em Spencer ou em Haeckel para definir bem a cosmovisão de Augusto dos Anjos, mas no alto pessimismo romântico de Arthur

Schopenhauer, que identifica na vontade de viver a raiz de todas as dores, de todos os males.

Perplexamente, imagina-se que Augusto dos Anjos previu a era tômica e começou a vivê-la com uma antecipação de meio século. Foi um precursor admirável, cujo espírito atilado era incompreendido pela mentalidade da época, bitolado num empírico obscurantismo e indiferente aos segredos da natureza. Fundiu-se, então, a visão cósmica com o desespero radical, enojado na poesia violenta e nova na língua portuguesa — “O Lamento das Coisas”, publicado em 1908:

“Triste, a escutar, pancada por pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos,
O choro da Energia abandonada!”

(EU: 181)

O poema “As Cismas do Destino” é um pouco da autobiografia de Augusto dos Anjos, a melodia de seus versos moldados numa grande extravagância estilística, a ponto de descortinar o véu da harmonia poética da época:

I

“Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!

(EU: 68)

II

Foi no horror dessa noute tão funérea
Que eu descobri, maior talvez que Vinci,
Com a força visualística do lince,
A falta de unidade na matéria!

(EU: 72)

III

“Homem! por mais que a Idéia desintegres,
Nessas perquisices que não têm pausa,
Jamais, magro homem, saberás a causa
De todos os fenômenos alegres!

(EU: 77)

IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.
E os queixos, a exhibir trismos danados,
Eu puxava os cabelos desgrehados
Como o rei Lear, no meio da floresta!

(EU: 82)

O EU é uma revelação do conhecimento científico profundo de que Augusto dos Anjos, "o poeta do cientificismo", é dotado. Através dele, o autor expressa uma imensa inquietude, uma necessidade exacerbada de solucionar seus próprios dilemas — encontrar-se para realizar a sua personalidade. Daí, haver assimilado a poesia de mistura com a confiança e a ânsia; o seu interior já assinala o que ele próprio produziu.

A interrogação absorve-lhe a arte. Deixa-se conduzir na humildade que as variações cósmicas criam com a contemplação. Entretanto buscando fórmulas e princípios para conhecimento da existência, na verdade, desejava apenas resolver o enigma que o surpreende dentro de si mesmo.

Ao colocar em seus poemas toda a força de que é capaz, pratica atos de excelente criação poética, procurando ausência de si mesmo — deseja ser outro, evadir-se — e o consegue, através de sua obra, fugindo da existência rotineira, comum a quase todos os homens. Teve, contudo, energia suficiente para retirar da verticalidade a linha horizontal em que se vê o homem situado nessa eterna aflição de amortecer o sofrimento, justificá-lo desde que nem sempre pode eliminá-lo.

Augusto dos Anjos realiza, por conseguinte, um paradoxo, largado do mundo fundamental, dele volta para se achar; perde-se e reencontra-se; foge da superfície e embrenha-se na unidade originária e, depois, no choque com o ambiente que o cerca, cede e verifica por fim, que entre os dois polos há necessidade de harmonia. Nessa confluência de limitação, sentindo a presença do tempo e, não podendo sufocar as exaltações poéticas, outra alternativa não se lhe apresenta senão a de criar para justificar-se. Este é o trágico drama de muitos poetas que se surpreendem, refletindo na consciência e na sensibilidade lírica, como uma sombra provisória em conflito, com as palavras originárias do fenômeno cósmico. Foi exatamente o que Augusto dos Anjos procurou fazer: criar e transportar da verticalidade para a horizontalidade (e vice-versa) as imagens, idéias, pensamentos e, dentro deste complexo mundo, cultivar o contraste que, por vezes, surge em cores carregadas de negro ou de alvura nitente. O certo é que a sua arte comove porque se embrenha nos mistérios e nos simbolismos, sem perder a clareza emotiva, só é possível a espíritos iluminados cosmicamente.

Seus poemas encerram conflitos provocados pela dúvida ou então pela clareza, a sensibilidade dominada pelas confidências doces ou dolorosas, pelas angústias originariamente de uma beleza fascinante. O poeta do "EU" age como autor e ator — um ator que não representa o drama por outro

vivido, porém, o seu próprio drama do qual foi também espectador.

O tempo encarregou-se de demonstrar o que o EU continha de novo para a literatura brasileira, uma original mensagem, a ponto de, atualmente, despertar tanto entusiasmo como fonte de sensibilidade poética, e, à proporção que se avança no futuro, mais se acentua de força de Augusto dos Anjos através do EU, mostrando extraordinário preparo intelectual para a idade que tinha, e, assim vem sendo cada vez mais seu valor eloqüente na galeria dos poetas brasileiros sensíveis às belezas do mundo.

No poema "A Ilha do Cipango" encontra-se retratado muito da sensibilidade do poeta às pequenas grandes belezas. Talvez, os momentos menos infelizes que teria passado ao lado dos familiares, no Engenho Pau d'Arco. Mesmo que o poeta negue o amor, não pode negar que lhe fora vítima, pois sempre o revela em alguns dos seus poemas. Este, poema traduz parte da sua biografia, faz referência à felicidade que lhe fora retirada, no momento que usufruía das delícias do amor.

"Estou sozinho! A estrada se desdobra
Como uma imensa e rutilante cobra
De epiderme finíssima de areia...
E por essa finíssima epiderme
Eis-me passeando como um grande verme
Que, ao sol, em plena podridão, passeia!

(EU: 148)

Este poema é bem o Pau d'Arco, considerado por muitos estudiosos da literatura, como a pasárgada onde o poeta viveu os melhores dias; quando o pai mandava para ser obedecido; quando tinha toda a família reunida patriarcalmente; quando ensinava aos filhos com disciplina infatigável, tomando parte nas festinhas religiosas e participando do condescente no ensinamento dos primeiros amores, cujos fracassos levaram ao sofrimento Augusto dos Anjos, o mais sensível dos filhos.

Ao que se deduz, os poemas do EU transmitem tanta dureza, como putrefação, negatividade, dor e a amargura que dilacera a alma de cada leitor, amargurando-o muitas vezes. Porém, foi esta a ferramenta precisa de que dispõe Augusto para traduzir o seu asco pela decomposição dos valores morais, espirituais, religiosos, sua repugnância pelos grandes males que o homem causa aos seus semelhantes quando lhes falta com justiça, bondade, misericórdia.

BIBLIOGRAFIA

- ANJOS, Augusto dos. EU. Outras poesias. 31 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.
- Caderno de Letras. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, a(2): 97-8, jul. 1979.